

RESUMOS

Sem País, Não Há Família: Política Educacional Patriótica na África Portuguesa e em Macau entre 1960 e 1974

Durante a década de 1960, os portugueses travaram três guerras coloniais na África que afectaram indirectamente Macau. Evidências *prima facie* de livros e documentos sugerem que os portugueses utilizaram a educação como arma na luta contra os movimentos de libertação. Existe uma vasta quantidade de temas nacionalistas e militaristas em vários livros didácticos. Os valores nacionalistas também foram inculcados através da Mocidade Portuguesa (MP) e da Mocidade Portuguesa Feminina (MPF). Além disso, verificou-se uma cooperação cordial e estreita entre Macau e a África Portuguesa na partilha de informação educativa. Macau era a diferença no Império Português, com apenas um número limitado de escolas oficiais sujeitas aos valores curriculares nacionalistas. Durante uma pesquisa nos Arquivos de Macau, o autor descobriu vários documentos que descrevem uma tentativa fracassada de estabelecimento de uma universidade em Macau em 1949 com o nome provisório de “Universidade do Sul da China”. As informações constam em anexo.

(Autor: Alex Duggan, pp. 6–55)

Ensino do Chinês — Estilo Moral Macaense

Podemos encontrar em Pedro Nolasco

da Silva (1842–1912), um estilo de ensino de chinês único, entre outros sinólogos, tais como Luís Gonzaga Gomes (1907–1976). Pedro Nolasco da Silva foi um famoso macaense intérprete chinês–português, tradutor e professor. Deixou-nos várias obras para ensino, entre as quais uma gramática e manuais para a língua chinesa. Nolasco da Silva ensinou chinês usando o método da tradução, que era, e ainda é, muito importante para compreender por comparação não apenas a posição dos elementos nas frases, como também o pensamento cultural.

Como tenciono mostrar no presente artigo, percorremos um longo caminho desde os sinólogos macaenses dos séculos XIX e XX, ainda que algumas das ideias fundamentais no ensino do chinês como segunda língua tenham retido toda a actualidade e valor.

(Autora: Ana Cristina Alves, pp. 56–66)

Resíduos de Império: Subalternidade e Exílio das *Zanryu-fujin*

A contenda imperialista do Japão pelo continente asiático necessitava da mulher japonesa, da sua função reprodutora, preservadora da aclamada “raça *Yamato*”. Proceder-se-ia à sua mobilização para a periferia. A missão civilizadora pan-asiática, encabeçada pelo Japão, promovia ideais conservadores que disciplinavam e impunham à mulher certas obrigações patrióticas e sociais. Quando os alicerces do Império se desmoronam,

ficam para trás, a grande maioria para nunca mais retornar ao Japão. Este artigo visa a abordagem posterior do governo japonês face ao seu repatriamento, a adaptação das mesmas à sua permanência em território chinês e/ou retorno ao Japão, assim como à sociedade com que se relacionavam, contrapondo com a teoria dos Estudos Subalternos e as reflexões sobre identidade deslocada e exílio.

(Autor: André Saraiva Santos, pp. 67–83)

Carnavalização Bakhtiniana em *City of Broken Promises* de Austin Coates

Em *City of Broken Promises*, Austin Coates delineou o Macau Português do final do século XVIII como o Oriente inescrutável e sedutor, ou o Oriente, e, não menos importante, como o “Outro” algemado do Ocidente. Este romance colonialista revela-se impregnado de atraso ignorante e fantasia sexual, aliado a uma ideologia colonial e de estereótipos orientalistas. Ainda assim, o autor inadvertidamente retrabalha a percepção colonial/orientalista. Com uma estética carnavalesca bakhtiniana, Coates revela uma postura dissidente de subversão, em que a hierarquia e a supremacia colonial são ridicularizadas através da troca de papéis. A carnavalização bakhtiniana na literatura, alimenta a ideia de que os textos literários não contêm apenas uma perspectiva ideológica unitária, mas podem também colocar um véu sobre vozes ocultas que estão repletas de um potencial revolucionário de escárnio das ideologias dominantes. Simbolizando o Ocidente

superior/masculino, o inglês Thomas van Mierop é expulso do Oriente por disenteria e punido com a morte no mar. A sua concubina chinesa Martha, reificada como o Oriente inferior/feminino num “harém oriental”, surge no final como comerciante de sucesso e a maior benfeitora pública de Macau. O romance revela, estranhamente, uma resistência oculta às transgressões imperiais e uma inversão do paradigma do Ocidente sobre o Oriente na retórica actual.

(Autora: Christina Miu Bing Cheng, pp. 84–101)

Globalização da Cultura Alimentar de Macau

Este artigo analisa o último livro da especialista em culinária Annabel Jackson, intitulado *The Making of Macau's Fusion Cuisine: From Family Table to World Stage*, evidenciando a amplitude e a profundidade dos encontros culinários globais no ex-território português na orla marítima da China. Explorando a continuidade e as mudanças da culinária cosmopolita de Macau do passado ao presente, Jackson utiliza as categorias de comida, identidade e memória como janelas analíticas para factores históricos, económicos e socioculturais mais amplos que transformaram o património culinário local. A essência da cozinha de Macau é notavelmente pluralista e inclusiva, mas os componentes discretos que estão inicialmente enraizados nas práticas culinárias portuguesa,

cantonesa, de Chaozhou, indiana e malaia evoluíram ao longo do tempo. Apesar de a rapidez das mudanças e desenvolvimentos na era pós-colonial ter inspirado a nostalgia da autêntica culinária local, esse desejo genuíno é impulsionado por um esforço sentimental de romantizar a comida caseira favorita como um antídoto contra a comercialização excessiva.

(Autor: Joseph Tse-Hei Lee, pp. 102–106)

Modelos de Desenvolvimento Literário: Poesia e Prosa

Pode-se dizer que a literatura ocidental se desenvolveu em dois grandes eixos, representados pela escrita poética, por um lado, e a escrita prosaica, por outro. Embora o desenvolvimento estilístico na literatura clássica aponte para uma contínua mediação e integração entre a poesia e a prosa, é bem verdade que tinham diferentes âmbitos de utilização, manifestados precisamente nas suas diferentes funções e práticas sociais. A experiência chinesa é peculiar por nela não existir um modelo tipológico que separe nitidamente a poesia da prosa. Na China Antiga, não só a língua escrita e a língua vernacular eram menos contínuas, do que as suas contrapartes ocidentais, como também não havia uma distinção em termos de funções e performances que destacasse as diferenças substanciais entre “poesia” e “prosa” chinesas.

(Autor: Giorgio Sinedino, pp. 107–117)

“Qualidades Estilísticas” em *Esculpir o Dragão: Empenhando o Coração na Literatura*, de Liu Xie

Este artigo continua a explorar Wenxin Diaolong de Liu Xie, um dos mais importantes tratados da “teoria literária” chinesa, investigando a questão das “Qualidades Estilísticas”, com base nos conceitos apresentados nos capítulos 28, 29 e 30. Liu Xie sintetiza e desenvolve concepções sobre quais qualidades o literato deve reflectir na sua escrita, de modo a ser reconhecido como um mestre da arte. Em primeiro lugar, vem o binómio 風骨 (Fenggu), representando, o poder de provocar emoções no leitor (“Vento”) e o vigor que as convicções do artista comunicam ao texto que cria (“Ossatura”). Em segundo lugar, um mestre de literatura deve ser escolado no desenvolvimento histórico dos temas e géneros literários, qualidade definida como “Proficiência” (通 tong), sendo igualmente capaz de reelaborar temas e técnicas tradicionais, dando “originalidade” ao texto segundo a sua capacidade de variá-lo, “Versatilidade” (變 bian). Por fim, o escritor consumado deve ser capaz de “Controlar” a “Tendência” (定勢 Dingshi), ou seja, controlar o impulso criativo de maneira a cingir-se aos moldes e regras dos temas e géneros que aborda.

(Autor: Giorgio Sinedino, pp. 118–145)